



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DOS TERREIROS DE CANDOMBLÉ EM SALVADOR

CARLOS ENRIQUE FERREIRA SANTOS¹

Resumo: O presente Centro de Documentação e Memória dos Terreiros de Candomblé tem como finalidade destacar a importância da criação da salvaguarda da memória dos terreiros instituídos na capital baiana, enfatizando que as preservações de bens materiais e imateriais se justificam como condições à garantia dos direitos universais da população afro-brasileira. Com ajuda das políticas públicas, o centro será capaz de fortalecer a cultura e salvaguardar as histórias das comunidades de terreiros e, ao mesmo tempo, divulgar os seus acervos de grande representatividade para a valorização do patrimônio imaterial; valorizando a cultura afro-brasileira difundida em Salvador, além de promover sua diversidade com a preservação e exposição dos registros das manifestações religiosas no segmento do Candomblé. Nesse caminho, irá impulsionar o discurso sobre a intolerância da religião, representada aqui pelo candomblé, e cultura de matriz africana estabelecida na Bahia e no Brasil.

Palavra-chave: Arquitetura, Candomblé, Terreiros, Patrimônio Cultural.

1 CONTEXTUALIZAÇÃO

1.1 O Candomblé

O Candomblé é uma religião de matriz africana em que se cultuam divindades africanas (vodum, inquices e orixás), vinculadas aos elementos da natureza. Constitui-se a religião africana mais praticada em todo mundo, contabilizando mais de três milhões de seguidores. No Brasil, a designação do Candomblé é mais popular nos estados da Bahia, Pernambuco e Maceió, estes são chamados de Xangôs, já no Maranhão, casa de Mina.

Edison Carneiro ² (CARNEIRO,1987) afirma que “o candomblé incorpora, funde e resume as várias religiões do negro africano e sobrevivências religiosas dos indígenas

¹ Formado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia no semestre de 2018.1 apresentando como tema de trabalho final de graduação: “ Centro de Documentação e Memória dos Terreiros de Candomblé em Salvador. Atualmente é aluno especial do programa de pós graduação em Arquitetura e Urbanismo – Mestrado , da Universidade Federal da Bahia.

E-mail: carlosferreira.arquiteto@gmail.com

² Edison Carneiro (1912–1972) é antropólogo, escritor e folclorista. Intelectual com trajetória profissional voltada para ações afirmativas e políticas culturais de afirmação do negro no Brasil.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

brasileiros, com muito mais coisa de catolicismo popular e do espiritismo". Nesse caminho, o candomblé representa a resistência do processo de colonização escravista no Brasil, estruturado e dinamizado pelos negros africanos trazidos para o Novo Mundo. A função de resistência do candomblé à opressão racial e ideológica durante todo o processo de escravidão até os dias de hoje, rearticula-se com um novo contexto social, novo posicionamento de classes e grupos étnicos e raciais redefinidos pela política de branqueamento da população brasileira. O que se observa na genealogia sobre os terreiros de candomblé no Brasil, é que a religião foi trazida pelo o tráfico de escravos, através dos navios negreiros, de três regiões distintas: Guiné Portuguesa, Golfo da Guiné e de Angola; fato observado na leitura que Verger³ faz sobre o processo de escravidão dos negros, trazidos para o Brasil, pelos navios negreiros, em que relata todos os créditos, oriundos dessas exportações de escravo - África para o Brasil, ao afirmar que nos porões dos navios negreiros não vieram apenas escravos, mas também, toda uma cultura inserida nas almas dos negros: crenças, tradições e costumes. Nesse contexto, os deuses africanos, destacando-se os voduns, inquices e orixás, que habitaram as Américas.

Os Navios negreiros transportaram através do Atlântico, durante mais de trezentos e cinquenta anos, não apenas o contingente de cativos destinados aos trabalhos de mineração, dos canaviais, das plantações de fumo localizadas no Novo Mundo, como também sua personalidade, a sua maneira de ser de se comportar e suas crenças. (VERGER, 1981,p.23)

Em Salvador, o candomblé, surge no final do séc. XVIII, na Barroquinha, se expandindo, consideravelmente, desde o fim da escravatura em 1888 e, notadamente, a partir de 1977, quando deixa de ser folclore e passa a ser religião, estabelecendo seguidores de várias classes sociais e de dezenas de milhares de templos. De acordo com o Centro de Estudos Afro Orientais da Universidade Federal da Bahia⁴, hoje,

³ Pierre Verger (1902-1996) foi um fotógrafo, etnólogo, antropólogo e pesquisador francês. Tornou-se um dos principais antropólogos e historiadores da cultura brasileira, sobretudo a popular, e da ancestralidade africana presente no sangue do brasileiro.

⁴ O Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO) é um órgão complementar da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia voltado para o estudo, à pesquisa e ação comunitária na área dos estudos afro-brasileiros e das ações afirmativas em favor das populações afrodescendentes, bem como área dos estudos das línguas e civilizações africanas e asiáticas.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

existem 1.165 terreiros de candomblé, registrados na capital baiana, hoje, existem 1.165 terreiros de candomblé registrados na capital baiana; sendo praticado, principalmente, nas nações Jejê, Angola e Keto, conforme observamos no mapa abaixo:

Mapeamentos das Principais Nações – Jejê, Angola e Keto
Terreiros De Candomblé em Salvador - 2018



Ilustração 01: Nação Jejê

Fonte:

<http://www.terreiros.ceao.ufba.br>



Ilustração 02: Nação Angola

Fonte:

<http://www.terreiros.ceao.ufba.br>



Ilustração 03: keto

Fonte:

<http://www.terreiros.ceao.ufba.br>

Denominam-se nações as divisões étnicas em que os africanos eram agrupados. Segundo Luis Nicolau Parés⁵, o uso do termo nação vem desde os séculos XVII e XVIII, no continente africano, usado, principalmente, por traficantes de escravos com o intuito de denominar a origem dos diversos grupos étnicos, o uso inicial do termo “nação” pelos ingleses, franceses, holandeses e portugueses, no contexto da África ocidental, estava determinado pelo senso de identidade coletiva que prevalecia nos estados monárquicos europeus dessa época, e que se projetava em suas empresas comerciais e administrativas na Costa da Mina. (PARÉS, 2007, p. 23)

Nesse contexto, a ideia de nação emana na África, baseando em diversos elementos que fortalece a diversidade multicultural e multiétnico do continente africano. Já no Brasil, a denominação adquire uma concepção diferente sendo usada, apenas, a fim de designar os locais onde saíam os grupos de escravos, sendo posteriormente, usados no candomblé para designar os diferentes grupos do candomblé.

As nações possuíam outra função de caráter religioso: cuidar dos negros cativos e principalmente dos negros livres e sem apoio da sociedade nos quesitos de doenças,

⁵ Luis Nicolau Parés é doutor em antropologia da religião pela Universidade de Londres e professor da Universidade Federal da Bahia. Publicou “A formação do Candomblé: história e ritual da nação jejê na Bahia”, além de diversos artigos em livros coletivos e periódicos no Brasil e no exterior.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

auxílio, sobrevivência, como comida e abrigo, após suas alforrias conseguidas com apoio dessas nações resguardadas pela religião católica, conforme relatado por Roger Bastide⁶:

as organizações de nação tinham um caráter mais religioso e de ajuda mútua, sobretudo tratando-se do negro livre, abandonado à própria sorte, não contando, em caso de doença e morte, nem mesmo com o amparo do senhor. Mas nem incluíam a todos e nem se encontravam por toda a parte. (BASTIDE, 2000, p. 58)

Ao passar dos anos o termo nação passou a ser associado, exclusivamente, para definição dos diferentes grupos, com traços regionais distintos e carregados de herança africana, praticantes do candomblé, o que é observado na Bahia, tanto no recôncavo como na capital soteropolitana, assim, na Bahia, temos os candomblés nagôs ou iorubas (ketu ou queto, ijexá e efã), os bantos (angola, congo e cabinda), os ewe-fons (jejes ou jejes-mahis). Em Pernambuco, os xangôs de nação nagô-egbá e os de nação angola. No Maranhão, o tambor-de-mina das nações mina-jeje e mina-nagô. No Rio Grande do Sul o batuque oió-ijexá, também chamado de batuque de nação. (PRANDI⁷, 2000, p.58).

2 CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DOS TERREIROS

O Centro de Documentação e Memória, ao longo de sua história, será constituído por importantes conjuntos da documentação produzida, recebida e guardada pelos Terreiros de Candomblé da cidade de Salvador, dialogando diretamente com inúmeros terreiros das diversas matrizes, comprovados com o mapeamento realizado pelo Centro de Estudos Afro Orientais da Universidade Federal da Bahia, que

⁶ Roger Bastide (1898-1974) formou-se pela faculdade de letras de Bordeaux e em sociologia na cidade de Sorbonne, ambas na França. No Brasil, estudou durante muitos anos as religiões afro-brasileiras, tornando-se um iniciado no candomblé da Bahia. Destacou-se pelas obras importantes como “O Candomblé da Bahia” e “As Américas negras: as civilizações africanas no Novo Mundo”.

⁷ Reginaldo Prandi é um sociólogo, professor, escritor brasileiro, doutor e livre-docente em sociologia pela Universidade de São Paulo (USP), é professor titular desde 1993 do Departamento de Sociologia da mesma universidade. Foi pesquisador do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap) desde sua fundação em 1969 até 1987 e professor da PUC-SP de 1972 até 1976. Aposentou-se em 2005, continuando o trabalho docente como professor colaborador e desde 2012 como professor sênior do mesmo departamento. Acadêmico da Anpocs (1992-1996) e pesquisador do CNPq desde 1975, enquadrado no nível 1A a partir de 1996.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

registrou 1.165 terreiros de candomblé em Salvador, atualizados no fim de 2017. Tal registro demonstrou uma nova política de respeito e valorização daqueles que efetivamente contribuem com a história e cultura de Salvador. O presente Centro deverá receber alunos de escolas públicas e privadas para o ensino da cultura afro-brasileira, apoiada pela Lei 10.639/2003, que versa sobre o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, ressaltando a importância da cultura negra na formação da sociedade brasileira. Nesse contexto, será criada uma rede itinerante sobre a cultura e religião do candomblé, valorizando e difundindo sua história que são preservadas na memória do povo de santo, ao serem difundidas através de histórias contadas oralmente por um povo militante e resistente da religião de matriz africana mais praticada no Brasil – o Candomblé. Haja vista que existem 1.393 escolas na capital baiana, segundo o censo escolar de 2017, será criado cópia do material documental e áudio visual para serem apresentados nessas escolas e campos de projeto pedagógico das mesmas.

2.1 Programa

O Centro de Documentação e Memória dos Terreiros possuirá o seguinte programa: Memorial Mãe Stella de Oxossi; Memorial Digital dos Terreiros; Sala de Conferência; Sala de Consulta de Acervo; Sala Administrativa; Sala de Tratamento de Documentos; Sala de Pesquisa; Sala de Difusão de Cultura; Sala de Arquivo; Depósito e Copa. Assim, tais espaços serão divididos em dois grandes setores: Setor Memorial e Setor Administrativo.

O programa apresentado é necessário para atender a demanda de terreiros, aproximadamente 1.160 terreiros registrados, além dos terreiros distribuídos que possuem registros. Dessa forma, cada espaço deverá conter uma área (m²) que busque atender as necessidades e funções de cada departamento. Sendo assim, segue abaixo uma proposta de distribuição de área que contempla todos os ambientes das edificações que fazem parte do complexo do Centro de Documentação e Memória dos Terreiros.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Setorização do Programa Arquitetônico

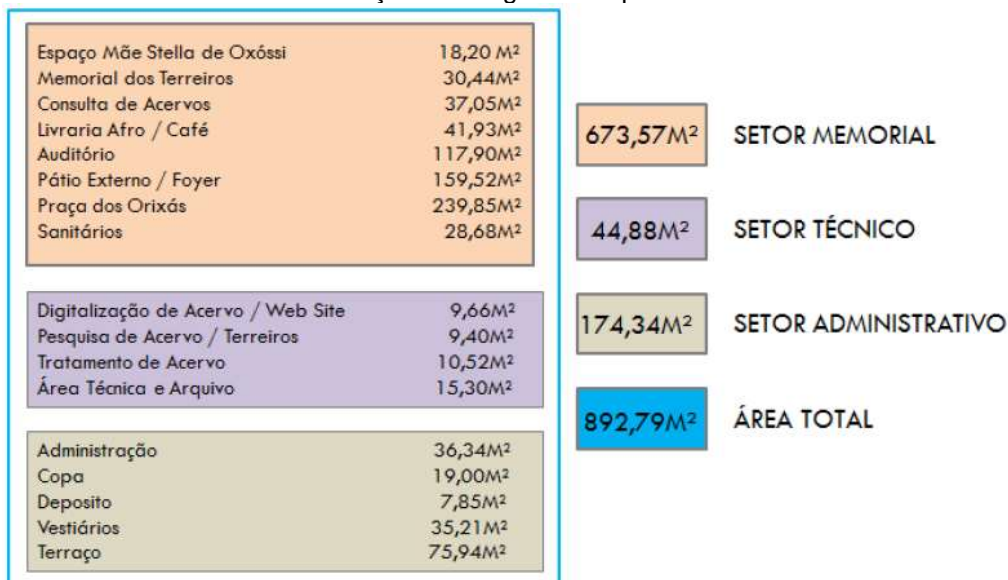


Ilustração 04: Setorização do Programa
 Fonte: Arquivo Pessoal

2.2 Estrutura Organizacional

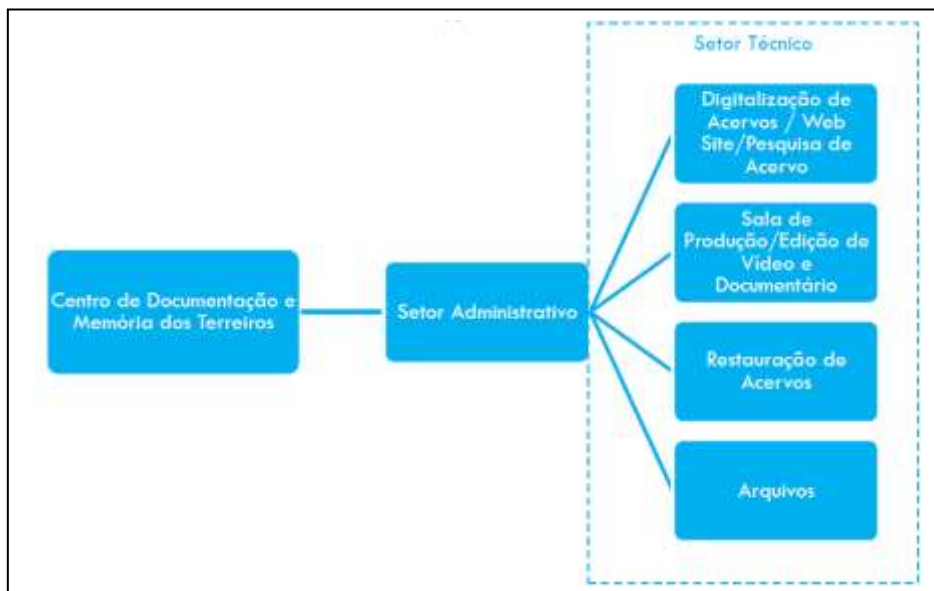


Ilustração 05: Fluxo Grama
 Fonte: Arquivo Pessoal

A estrutura organizacional do Centro de Documentação e Memória dos Terreiros deve refletir suas funções flexíveis para expor o acervo documental. Como proposta de estrutura organizacional, que contempla as primordiais funções de um centro referente ao acervo e a elaboração de referências e alguns serviços adicionais, temos uma subdivisão em quatro áreas técnicas por função e não por tipo de acervo, e uma área



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

administrativa que conecta e coordena essas subdivisões. Em organizações mais complexas elas poderão ainda estar subdivididas conforme a natureza do acervo

I. Setor Administrativo: é responsável pelo apoio administrativo ao Centro no exercício de suas competências. De acordo com o grau de autonomia administrativa e jurídica, poderá ter atividades simples ou complexas.

II. Digitalização de Acervos/Web Site/ Pesquisa de Acervo: é responsável pela disponibilização dos acervos ao público, através de web site, pela digitalização dos arquivos, pelo atendimento ao público, pela divulgação do Centro e das memórias do Terreiro e pelo levantamento dos Terreiros instituídos na Bahia, pela separação dos arquivos a serem recuperados e digitalizados.

III. Sala de Produção/ Edição de Vídeo e Documentário: é responsável pela produção de vídeo e edição de documentários realizados no Centro para a preservação e salvaguarda das histórias oral do povo de santo.

IV. Restauração de Acervo: é responsável pelo tratamento documental do acervo arquivístico, bibliográfico e hemerográfico⁸; e também pela restauração e conservação física do acervo.

V. Arquivo: é setor responsável pelo arquivamento adequado dos documentos e fotos das manifestações religiosas e memória da arquitetura edificada desses locais.

2.3 Quadro de Pessoas

Para o desenvolvimento das atividades, faz-se necessário uma equipe técnica, a qual não só estará encarregada de executar as atividades previstas de cada departamento, mas também de materializar uma rotina de serviços, às comunidades do povo de santo, a fim de ampliar o acervo e salvaguardar as memórias dos terreiros. Dessa forma, deverá possuir uma equipe especializada na conservação da documentação, atuando nas áreas de limpeza, indexação, adequação e conservação de acervo.

2.4 Mobiliário

⁸ Catálogo de jornais e outras publicações periódicas.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Além das instalações, a implantação do Centro de Documentação e Memória dos Terreiros está condicionada à aquisição de mobiliário e equipamentos que lhe permitam desenvolver as atividades de constituição e tratamento do acervo, além do atendimento às comunidades de terreiros.

2.5 O Acervo

O acervo será formado por documentações e registros dos Terreiros de Candomblé instituídos na capital baiana que queiram salvaguardar suas histórias das comunidades de Terreiros e ao mesmo tempo divulgar os seus acervos. Podem ser destacados no acervo os seguintes documentos: atas de fundação, atas de criação da associação religiosa, solicitação de permissão para bater candomblé na delegacia de jogos e costumes, atas de reuniões, escrituras, contratos de compra e venda, fotografias de festas, líderes religiosos e membros da comunidade, correspondências, jornais, revistas e artigos tendo o Terreiro como tema e plantas arquitetônicas dos espaços físicos dos Terreiros. Tais documentos referentes à organização de cada terreiro e seu processo de resistência como uma religião /cultura afro-brasileira, permitem conhecer o relevante papel dos Terreiros de Candomblé como religião e cultura afro instituídos na capital do estado da Bahia.

2.6 Infraestrutura

As instalações do Centro estão diretamente relacionadas às funções que este desenvolve e aos recursos de que dispõe. De acordo com essas funções, foram determinados o mobiliário e os equipamentos a serem adquiridos. Sendo assim, o arquivo irá dispor de instalações que possibilitem a correta conservação e disponibilização para a comunidade do seu acervo.

2.7 Equipamentos

Quanto aos equipamentos, serão adquiridos os indispensáveis para a higienização e conservação do acervo, para a criação de instrumentos de pesquisa em bancos de



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

dados eletrônicos e para consulta a documentos em suportes especiais, ao exemplo de acessórios manuais, copiadora e digitalizadora de documentos.

2.8 Exequibilidade

O Centro de Documentação e Memória dos Terreiros de Candomblé de Salvador será financiado pelo Governo Federal e poderá ter parceria do Governo Estadual e empresas privadas nacionais e internacionais, conforme estabelecido na Convenção para a salvaguarda do “Patrimônio Cultural Imaterial” realizado na cidade de Paris, em 17 de outubro de 2003. Para assegurar a salvaguarda, o desenvolvimento e a valorização do patrimônio cultural imaterial presente em seu território, cada Estado Parte⁹ empreenderá esforços para: [...]

d) adotar as medidas de ordem jurídica, técnica, administrativa e financeira adequadas para:

- i. Favorecer a criação ou o fortalecimento de instituições de formação em gestão do patrimônio cultural imaterial, bem como a transmissão desse patrimônio nos foros e lugares destinados à sua manifestação e expressão;
- ii. Garantir o acesso ao patrimônio cultural imaterial, respeitando ao mesmo tempo os costumes que regem o acesso a determinados aspectos do referido patrimônio;
- iii. Criar instituições de documentação sobre o patrimônio cultural imaterial e facilitar o acesso a elas.

França, Recomendação de Paris (2003). Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial, França. Paris.

2.9 Local de Implantação

Como proposta de localização, o Centro de Documentação e Memória da Religião Afro Brasileira da capital baiana, devendo ser inserido em um contexto afro urbano adensado e consolidado, como o Pelourinho, situado no centro histórico da cidade de

⁹ Brasil e Países que se comprometeram na salvaguarda do “Patrimônio Cultural Imaterial” de seus territórios.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Salvador, que conserva boa parte do patrimônio imaterial da cultura afro propalada na urbanização soteropolitana.

Mapa de Localização

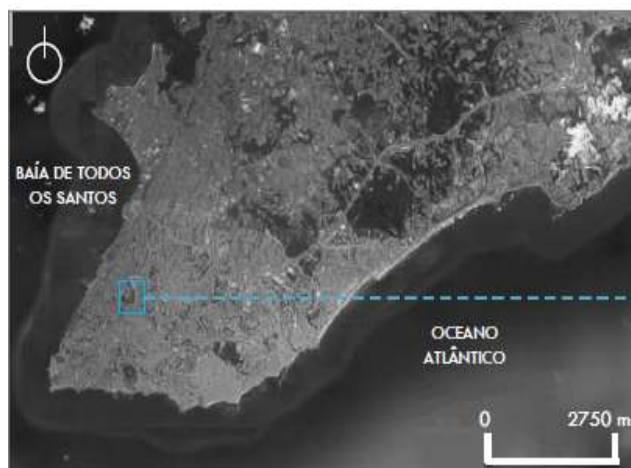


Ilustração 06: Salvador
Fonte: Google Maps / Edição:
Arquivo Pessoal



Ilustração 07: Pelourinho
Fonte: Google Maps / Edição:
Arquivo Pessoal

3.9.1 O Pelourinho

O Pelourinho é o bairro mais antigo da cidade de Salvador; foi instalado no séc. XVI, juntamente com a fundação da cidade de Salvador. O presente bairro foi durante muito tempo um instrumento de punição legal utilizado pelos portugueses em todas as cidades do Brasil. Eram postes de madeira ou de pedra, com argolas de ferro, que eram erguidos em praça pública, onde os escravos eram amarrados e chicoteados. No ano de 1985, o conjunto histórico do Pelourinho foi tombado como patrimônio da humanidade pela UNESCO – Organizações das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura. Já nos anos de 1950, o Pelourinho sofreu um forte processo de degradação, com a modernidade e transferência de atividades econômicas para outras regiões da capital baiana, o que transformou o Pelourinho em uma região de intensa marginalidade e prostituição.

Hoje o Pelourinho abriga um conjunto arquitetônico barroco formado por mais de oitenta casarões sendo predominante o uso comercial, ao exemplo de bares, lojas, restaurantes, hotéis, pousadas dentre outros. Há também uma forte presença de



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

igrejas difundida no bairro do Pelourinho. Assim, o Pelourinho tornou-se encontro entre a arte e os admiradores dela, sendo um “fastfood” da cultura afro-brasileira instituída na Bahia, conforme constatado no mapeamento abaixo:

Mapeamento da Cultura Afro-brasileira no Pelourinho – 2018



Ilustração 08: Mapeamento de Equipamentos da Cultura Afro.

Fonte: Google Maps / Edição: Arquivo Pessoal

3.9.1 As Edificações

A escolha do presente edifício – casa de nº. 06 na Ladeira do Ferrão – se deu pelo fato de ser o local de nascimento e moradia, nos primeiros anos de vida, Dalyalorixá Maria Stella de Azevedo Santos, conhecida como Mãe Stella de Oxossi. Fazendo, portanto, uma homenagem a principal personalidade do Candomblé no Brasil. Nesse contexto, a edificação que abrigará o Memorial se torna o “coração do projeto”. Posterior a isso, de acordo com o programa de necessidades adotado, houve a contemplação de edificações vizinhas e praça local denominada como “Praça dos Orixás”, que conecta essas edificações e articula-se com a Praça das Artes, existente no Pelourinho, potencializando ainda mais o seu uso.

I. Maria Stella de Azevedo Santos

Maria Stella de Azevedo Santos, Mãe Stella de Oxossi, como é conhecida e carinhosamente chamada pelos amigos, filhos e filhas de santo, nasceu em Salvador



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

e ingressou no Candomblé aos 13 anos, em 1939, no terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, por Iyalorixá Mãe Senhora. “Mãe Menininha”, assim denominada, tornou-se Iyalorixá em 1976, sucedendo Mãe Ondina, aos 49 anos, assumindo o comando do terreiro Ilê Axé Opô Afonjá em São Gonçalo do Retiro, tornando-se a mãe de santo mais jovem a assumir o cargo no estado da Bahia. Formada em enfermagem pela Escola de Saúde Pública do Estado da Bahia, hoje não mais em atividade, dedicou seu tempo extra para redigir diversos artigos em jornais e revistas sobre as questões atinentes às comunidades de terreiro, sendo convidada a participar em congressos acadêmicos voltados à questão da religiosidade e recebendo vários prêmios de destaque, ao exemplo da medalha de ordem ao mérito da cultura, do Ministério da Cultura, na classe Comendador, no ano de 1999. Mãe Stella publicou dois livros Ówe – Provérbios em 2007 e EpéLaiyé – Terra Viva, em 2009, tornando-se a primeira Iyalorixá a escrever livros e artigos, recebendo o título de Doutor Honoris Causa da Universidade Estadual da Bahia (Uneb). Já em 2013, com 22 votos, Mãe Stella de Oxossi passou a ocupar a cadeira de nº. 33, vaga deixada pelo historiador Ubiratan Castro, na Academia de Letras da Bahia, tornando-se a nova “imortal” e a primeira mãe de santo, no mundo, a entrar em uma Academia de Letras, representando o reconhecimento de uma cultura negra e religião de matriz africana.



Ilustração 09: Mãe Stella de Oxossi
Fonte: <http://leituraspretas.blogspot.com.br>



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL



Ilustração 10: Mãe Stella de Oxossi
Fonte <http://leituraspretas.blogspot.com.br>

II. Arquitetura das Edificações Existentes

Com fachada frontal voltada para a Rua Ladeira do Ferrão, a edificação de nº. 06, casa de nascimento de Mãe Stella de Oxossi, possui feições arquitetônicas simples, o imóvel que se configura como casa térrea, passou por uma reforma conduzida pelo seu atual proprietário, IPAC – Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia, em 2015. Porém, a desocupação e a intervenção inacabada, estão promovendo a degradação do imóvel através da umidade nas paredes, proliferação de mofo, fungos e vegetação espontânea.



Ilustração 11: Fachada Principal
Casa nº. 06
Fonte: Arquivo Pessoal



Ilustração 12: Fachada Principal, Casa nº. 02
Fonte: Arquivo Pessoal



Ilustração 13: Fachada Principal
Casa nº. 04
Fonte: Arquivo Pessoal



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL



Ilustração 14: Localização Fotográfica do Entono das Edificações
Fonte: Google Maps / Arquivo Pessoa

3 A IDEIA

O presente projeto tem como ideia central preservar os bens culturais dos Terreiros de Candomblé como exemplo: os registros de festas, documentações e histórias oralizadas, que não são materializadas e que são preservadas nas memórias do povo de santo. Materializando, portanto o patrimônio cultural imaterial da comunidade de Terreiro.

“Entende-se por “patrimônio cultural imaterial” as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural.”

França, Recomendação de Paris (2003). Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial, França. Paris.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

3.1 Objetivos

Preservar os bens culturais dos Terreiros de Candomblé, instituídos na capital baiana, salvaguardando suas histórias e conquistas.

4.1.1 Objetivos Específicos

- I. Restaurar e disponibilizar arquivos, documentos pessoais e coletivos do povo de santo, além de fotos das manifestações religiosas do candomblé;
- II. Analisar historicamente o crescimento e as conquistas do candomblé na capital baiana e suas reflexões na Bahia, no Brasil e no mundo;
- III. Promover a reflexão quanto à importância da conservação do patrimônio imaterial e material do candomblé como religião de matriz africana afro-brasileira;
- IV. Promover a preservação da memória do povo de santo de Salvador;
- V. Discutir a intolerância religiosa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente Centro buscará promover a popularização dos registros documentais - atas de fundação, atas de criação da associação religiosa, solicitação de permissão para bater candomblé na delegacia de jogos e costumes, atas de reuniões, escrituras, contratos de compra e venda, fotografias de festas, líderes religiosos e membros da comunidade - de reuniões, festas e quaisquer manifestações religiosas do candomblé; difundindo a cultura religiosa africana instituída na capital baiana. Buscando, também, combater o racismo estrutural no país e salvaguardar as memórias do povo de santo.

5 REFERÊNCIAS

VERGE-BASTIDE. Uma Festa dos Inhames Novos em Podé. In: LUHNING, Angela(Org.). **Verger/Bastide - Dimensões de Uma Amizade**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2002.p. 124 – 147.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

RODRIGUES, Nina. Liturgia Fetichista dos Afro-baianos. In: RODRIGUES, Nina (Org.). **O Animismo Fetichista dos Negros Baianos**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1935.p. 44 – 67.

CARNEIRO, Edson. Fisionomia Geral da Casa de Candomblé. In: CARNEIRO, Edson (Org.). **Candomblé da Bahia**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1978.p. 33 – 47.

BASTIDE, Roger. O Espaço e o Tempo Sagrado. In: BASTIDE, Roger (Org.). **O Candomblé da Bahia – Rito Nagô**. São Paulo: Ed. Schwarcz LTDA, 1980.p. 71 – 111.

SANTOS, Juana El Bein. O Complexo Cultural Nagô. In: SANTOS, Juana (Org.). **Os Nagô e a Morte: Padé as Ese e o Culto de Egum na Bahia**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes LTDA, 1998. p. 26 – 39.

LODY, Raul. Arquitetura e Liturgia do Candomblé. In: LODY, Raul (Org.). **Espaço Orixá e Sociedade**. Salvador: Ed. Ianamã, 1984. p. 27 – 61.

BRAGA, Julio Santana. Organização do Espaço de Terreiro de Babá Aboulá. In: BRAGA, Julio (Org.). **Ancestralidade Afro-Brasileira: o Culto de Babá Egum**. Salvador: Ed. UFBA, 1995. p. 36 – 47.

SANTOS, Jocélio Teles dos. **O Dono da Terra: o Caboclo nos Candomblés da Bahia**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 53 – 111. 1992.

SODRÉ, Muniz. **O Terreiro e a Cidade: a forma social negro-brasileira**. 1.ed.Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo/Imago, 2002.

SANTOS, Jocélio Teles dos. Geografia Religiosa Afro-baiana no Século XIX. In: SANTOS, Jocélio (Org.). **Candomblé e Espaço Urbano na Bahia do Século XIX – Estudos Afro-Asiáticos**,v.27, nº.1-3, p. 205 – 226, 2005.

PARÉS, Luis Nicolau. O legendário Quilombo e Candomblé Obá Tedo em Cachoeira. In: PARÉS, Luis (Org.). **A Formação do Candomblé História e Ritual da Nação Jejê na Bahia**. São Paulo: Ed. EDUNICAMP, 2007.p.181–205.

SANTOS, Edmar Ferreira. As Senhoras dos Segredos: lutas encantos na resistência dos candomblés. In: SANTOS, Edmar (Org.). **O Poder dos Candomblés – Perseguição e Resistência no Recôncavo da Bahia**. Salvador: Ed. EDUFBA, 2009.p.143–179.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

França, **Recomendação de Paris** (2003). Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial, França. Paris: Conferência geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura – UNESCO, 32 sessão, 2003. 15 p.

VENÂNCIO FILHO, Alberto. Introdução. In: ROMERO, Sílvio (Org.). **Introdução à Doutrina contra Doutrina**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2001. p.102.

JR., Ademir Barbosa. Os Orixás no Novo Mundo. In: VERGE, Pierre (Org.). **O Livro de Ouro dos Orixás – A História de Deuses e Heróis**. Salvador: Ed. Anubis, 2017.p.31 – 48.

BOTÃO, Renato Ubirajara dos Santos. **Para além nagocracia: a (re) africanização do candomblé nação Angola-Congo em São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Ciências Social) Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista. Marília, p. 33 – 51. 2007.

CEAO, Universidade Federal da Bahia. Mapeamentos dos Terreiros De Candomblé em Salvador, 2018. Disponível em: < <http://www.terreiros.ceao.ufba.br>>. Acesso em: 05/07/2018.

FANTINEL, Caroline. Arte no Espaço (Espaço Cultural Pierre Verger). 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=S65IRkAq3Zk>>. Acesso em : 9 junho. 2018

FRAZÃO, Dilva. Biografia de Pierre Verger. Disponível em:<https://www.ebiografia.com/pierre_verger/>. Acesso em: 19 abril. 2018.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário da língua portuguesa. 3 .ed. rev. e atual.São Paulo: Fundação Dorina Nowill, 2010.

Fundação Pierre Verger. Disponível em: <<http://www.pierreverger.org/br>>. Acesso em: 19 junho.2018.

Fundação Pedro Calmon. Disponível em :<<http://www.fpc.ba.gov.br/>>. Acesso em: 19 junho.2018.

Artes, Cia Beluna de. Disponível em:<<http://leituraspretas.blogspot.com.br>>. Acesso em: 20 de junho. 2018.